



Património industrial da Covilhã

da cidade-fábrica à cidade-universidade

Por: Nuno Teotónio Pereira

A reabilitação do património arquitectónico tem-se imposto como condição para a preservação da memória e para a defesa da identidade sócio-cultural de países, regiões ou cidades. E, mais recentemente, como exigência da sustentabilidade dos tecidos urbanos e das condições ambientais da sua envolvente. Mas cada vez mais fica provado que essa reabilitação não se pode quedar pelo restauro ou reconstrução, sendo indispensável que os edifícios de que são objecto conservem ou retomem o seu uso ou, em alternativa, sejam destinados a novas funções. A reutilização é assim, com muita frequência, mercê da rápida evolução das sociedades, uma condição indispensável para salvar da degradação ou da ruína edifícios ou conjuntos de invulgar valor arquitectónico. É este o caso mais frequente do património industrial, tema abordado no nº 4 de "Pedra&Cal", em cujo editorial se dizia que era preciso ir "muito além dos palácios, igrejas e castelos".

É neste contexto que merece uma referência destacada o caso da Universidade da Beira Interior, sediada na Covilhã, e que herdou do Politécnico que a precedeu uma prática a muitos títulos exemplar de preservação, reconversão e reutilização do extraordinário património industrial da cidade, hoje em grande parte esvaziado da actividade fabril que lhe deu origem. É que em vez de construir de raiz e fora-de-portas um campus universitário, a UBI tem desenvolvido uma prática sistemática de aproveitamento para as suas instalações das numerosas oficinas e fábricas ligadas à indústria de lanifícios, nas margens das ribeiras da Goldra e Carpinteira, hoje entrosadas já no tecido urbano.

Efectivamente, desde o acto fundacional e exemplar da reconversão da majestosa Real Fábrica de Panos mandada construir por Pombal, e que constitui o seu núcleo central, a UBI não tem cessado, ao longo de mais de duas décadas, de recuperar e reconverter numerosos edifícios fabris desactivados, dispersos pela cidade.

É verdade que tal prática pode observar-se nos últimos anos por parte de um bom número de universidades tanto públicas como privadas, em várias das nossas cidades. E pode dizer-se que geralmente com sucesso, salvando da ruína dezenas e dezenas de exemplares do património industrial. É que este tipo de edifícios, pelas grandes

dimensões e amplos vãos, abundante fenestração e solidez estrutural adapta-se muito razoavelmente às exigências do ensino. Todavia, o que torna singular o caso da Covilhã é o carácter sistemático desta prática - prática que não exclui, quer a construção de acrescentos ou mesmo novos edifícios sabiamente articulados com as pré-existências - num diálogo estimulante do novo com o antigo - quer mesmo a construção de um novo polo dedicado às ciências da saúde.

Na dispersão pela cidade reside outra riqueza da metodologia praticada: a de irrigar o tecido urbano com novas actividades, ainda por cima protagonizadas por uma população jovem que traz animação e colorido ao espaço público.

É de salientar entretanto que todo este processo deu origem a um protocolo firmado entre a Universidade e o IPPAR - diga-se também exemplar - para o estudo aprofundado do edificado fabril da cidade. Trata-se do "Inventário do Património Industrial da Cidade da Covilhã", em curso adiantado sob a responsabilidade do Museu de Lanifícios da UBI, e que visa o levantamento, história, caracterização e classificação do riquíssimo espólio, móvel e imóvel, que a indústria da lã legou à cidade. Indústria, diga-se de passagem, que não desapareceu da Covilhã, mas que sofreu um processo de redimensionamento, dotando-se de novos espaços, tudo isto exigido pela evolução tecnológica e empresarial.

A todo este processo não é alheio o trabalho pioneiro desenvolvido desde a década de 70 pela actual Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, a qual empreendeu desde cedo estudos sobre o património industrial da Covilhã no âmbito da própria Universidade. O resultado deste esforço meritório está hoje não só bem à vista, como é testemunhado por uma rica vivência humana. Vale a pena ir à Covilhã para ver como edifícios decrepitos e carcassas esvaziadas se voltaram a encher de vida, evitando não só a ruína como a descaracterização da sua arquitectura. Mas cabe dizer que na cidade, na reabilitação do património industrial muito há ainda a fazer - pois não pode a Universidade fazer tudo - voltando-se agora as expectativas para o dinamismo da Câmara Municipal através do Programa POLIS, em fase de arranque. ➡



Um diálogo estimulante entre o novo e o antigo